

Escolhendo mal

MARCELO DE PAIVA ABREU

Talvez até seja verdade que, como no caso dos bons vinhos, a ação do tempo contribua para melhorar o nosso juízo quanto à qualidade das lideranças políticas mundiais no passado. Hoje, tendemos a ver em estadistas como Churchill, De Gaulle ou Roosevelt as virtudes com mais destaque do que os defeitos. A pertinácia e a capacidade de mobilização política de Churchill dominam mais marcadamente a sua volatilidade e falta de critério em escolhas estratégicas. As virtudes que derivavam da crença de De Gaulle em 'uma certa idéia da França' sobrepujam os defeitos que daí decorriam. O Roosevelt quase mítico do New Deal e sua coragem ao levar os EUA à guerra contrabalançam amplamente as conseqüências da sua prática política baseada no lema oportunista de que 'uma mão não sabe o que faz a outra'.

O que se vê hoje é a brutal deterioração da qualidade das lideranças políticas mundiais. Vinhos de baixa qualidade não melhoram com a guarda. É difícil imaginar que a reputação de Bush, Chirac, Berlusconi, e até mesmo de Blair, possa melhorar com o passar do tempo. O empobrecimento da vida política norte-americana desempenhou papel importante nessa deterioração, mas está longe de explicar processos similares em muitos países maduros desde os anos 1980. Esse estado de coisas tende a se refletir na patente falta de resultados importantes que tenham decorrido de negociações internacionais no período mais recente. Um mundo unipolar gerou um leque de impasses. Decisões relevantes, quando ocorrem, são decisões unilaterais de Washington.

A deterioração na cúpula repercute sobre as indicações para o comando de instituições multilaterais, que, ao menos em tese, seriam elementos importantes para assegurar a melhoria equilibrada do padrão de vida da população mundial. A qualidade da escolha é, também, desfavoravelmente afetada por regras formais e informais quanto à nacionalidade dos candidatos e à necessidade de aprovação de seus respectivos governos. Em período curto foram ou estão sendo consideradas escolhas que sublinham a fragilidade de processos decisórios, que refletem essas regras obsoletas e as carências das lideranças políticas dos principais protagonistas.

A temporada de substituições se iniciou com a escolha do diretor do Fundo Monetário Internacional. Vigorou a troca de chumbo entre EUA e União Européia, com os EUA, desta vez, seguindo a tradição e referendando de primeira a escolha européia. O candidato escolhido, Rodrigo Rato, membro da administração Aznar, tinha currículo tecnicamente frágil. Além disso, sua indicação foi chamuscada pela derrota nas eleições espanholas, em seguida à vergonhosa e fracassada manipulação eleitoral empreendida após o atentado de Atocha. A despeito disso, prevaleceu a indicação de quem havia sido chamado 'el gran perdedor' com a vitória de Zapatero, embora com dúvidas quanto aos critérios que

dominaram a escolha, dado o alinhamento do que Vázquez Montalbán chamou de Espanha da *aznaridad* à política norte-americana no Iraque.

Mais recentemente, houve manifestação mais explícita das conseqüências funestas da combinação do unilateralismo dos EUA com a tibieza, principalmente européia, na escolha do presidente do Banco Mundial. A posição, 'por tradição', cabe aos EUA. O governo dos EUA não apenas fez ouvidos moucos às sugestões de revisão dos critérios de escolha. Indicou, e emplacou, o nome de Paul Wolfowitz, gavião maior da política iraquiana que, além de jejuno em assuntos econômicos, está longe da consistência intelectual de grandes formuladores como Condoleezza Rice.

Enquanto no mundo normal as pessoas costumam ser recrutadas para uma posição com base no seu retrospecto profissional, registrado em currículo, quando se trata das indicações para o comando de instituições multilaterais esses procedimentos parecem não ser aplicados.

Ao contrário, o que se alega é que Wolfowitz no Banco Mundial vai ser muito diferente do Wolfowitz iraquiano e que a flexibilidade é, de fato, uma de suas maiores virtudes. O falcão virará pomba? Robert Louis Stevenson ficaria orgulhoso com essa reencarnação de Jekyll e Hyde. Wolfowitz pode até não vir a ser um desastre completo no Banco Mundial, mas isso não tornará mais razoável o processo que levou à sua escolha.

A pusilanimidade européia no episódio do Banco Mundial, em seguida a ameaças de brabeza, levou alguns analistas a farejarem troca de chumbo, essa ao arpejo da tradição, na escolha do diretor-geral da Organização Mundial de Comércio (OMC). Nessa disputa se enfrentam candidatos que entendem do ofício: Pascal Lamy, apoiado pela União Européia e, mais recentemente, pelos EUA; Carlos Pérez del Castillo, uruguaio, apoiado por boa parte da América Latina, do Grupo de Cairns e até do G-20; Luiz Felipe de Seixas Corrêa, brasileiro, apoiado pelos grandes do G-20; e Jaya Krishna Cuttaree, das Ilhas Maurício, apoiado pelos países africanos. Lamy tem também o seu lado Jekyll-Hyde. Segundo seus proponentes, apesar de ter defendido, como comissário europeu, o protecionismo agrícola com vigor, seria *in pectore* um grande liberal. Ver para crer? Os maquiavélicos desconfiariam que o apoio dos EUA à candidatura Lamy poderia ser uma finta para viabilizar a escolha de Pérez, cuja candidatura foi criticada com estridência pelo Brasil por considerar a sua postura em Cancún hostil ao G-20. O Brasil estará em situação espinhosa no caso de polarização entre Lamy e Pérez. Talvez a posição ainda possa ser salva na última hora por um 'quintus' fora da lista original?

***Marcelo de Paiva Abreu, doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é professor-titular do Departamento de Economia da PUC-Rio**